

## SUMÁRIO

SIGLAS.....	9
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 “O marxismo não é mais útil?”..	15
CAPÍTULO 2 Como a sociedade aparece aos nossos olhos .....	21
CAPÍTULO 3 Como funciona a sociedade.....	27
CAPÍTULO 4 Os modos de Produção .....	31
CAPÍTULO 5 Modo de Produção Primitivo ....	33
CAPÍTULO 6 Modo de Produção Escravista..	37
CAPÍTULO 7 Modo de Produção Asiático .....	43
CAPÍTULO 8 Modo de Produção Feudal .....	53

CAPÍTULO 9	Modo de Produção Capitalista..	63
CAPÍTULO 10	Modo de Produção Socialista....	75
CAPÍTULO 11	Do socialismo ao imperialismo..	81
EPÍLOGO	Socialismo real: equívocos e desafios .....	89
APÊNDICE	Declaração Universal dos Direitos Humanos — <i>Versão Popular</i> .....	105
REFERÊNCIAS.....		107

## SIGLAS

a.C.	antes de Cristo
EUA	Estados Unidos da América
FGV	Fundação Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PSU	Partido Socialista Unificado
RDA	República Democrática da Alemanha



## INTRODUÇÃO

Por que este livro agora? Na verdade, a primeira versão é de 1985, ao findar a ditadura militar que durou 21 anos. Anderson Fernandes Dias, então proprietário da Editora Ática, me propôs escrever um livro de OSPB (Organização Social e Política Brasileira), disciplina obrigatória no ensino médio, cujo conteúdo estivesse na contramão de todas as outras obras daquela matéria imposta pelo regime golpista.

Todas eram, sem exceção, verdadeiras cartilhas do mais arraigado conservadorismo, embora a proposta de ensino de OSPB tivesse sido apresentada por um educador de esquerda, Anísio Teixeira, em 1962, durante o governo João Goulart. Considerava importante introduzir a juventude no conhecimento das instituições nacionais, da estrutura do Estado, no conteúdo da Constituição,

nos processos democráticos, e nos direitos políticos e deveres dos cidadãos. Inspirou-se na *Instrução Cívica* francesa e no *American Government* estadunidense.

O editor queria que eu entregasse os originais em 30 dias... Para cumprir tão curto prazo impus certas condições, pois precisava de completo isolamento e de um assessor que percorresse bibliotecas e arquivos para as pesquisas, já que na época não havia a facilidade do Google.

Cumpri o prazo e o livro *OSPБ — Introdução à Política Brasileira* foi editado. Vendeu, em oito anos, cerca de 800 mil exemplares. Adotado inclusive em faculdades e cursos de educação popular, provocou, entretanto, a fúria de setores direitistas. Em Pelotas (RS), pais protestaram contra os colégios que o adotaram e, na capital paulista, o prefeito Jânio Quadros tratou de proibi-lo nas escolas municipais.

Em 1991, o governo Collor se empenhou, sem sucesso, em revogar o Decreto-Lei nº 869, que instituíra a obrigatoriedade da matéria nas escolas. Revogação que, afinal, ocorreu em junho de 1993, quando o deputado federal Delfim Netto, ex-ministro da ditadura, propôs a seus colegas na Câmara dos Deputados assinarem a retirada da disciplina dos currículos escolares em caráter de

urgência, com certeza por saber que seu conteúdo passara a ser abordado em uma ótica progressista. E a revogação abriria espaço a disciplinas que não conscientizam estudantes.

Até líderes de partidos de esquerda assinaram a proposta... Um deles, mais tarde, me admitiu nem ter ideia da existência de minha versão de OSPB, convencido de que todas refletiam a ideologia do período ditatorial.

Meu livro foi banido das escolas e caiu no ostracismo, embora ainda hoje eu encontre quem me diga que, quando jovem, adquiriu consciência crítica e postura progressista graças a ele.

Como neste ano de 2019 o Brasil ingressou, com o governo Bolsonaro, em novo período de obscurantismo, decidi atualizar a parte inicial do meu OSPB para atender a movimentos populares empenhados na formação de militantes, justamente a que explica, em linguagem popular, a análise marxista da sociedade. Acrescentei à obra outros textos, como o que trata da utilidade atual do marxismo, e um balanço do que significou o socialismo real. Finalizei com a minha versão popular da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*.

A Cortez Editora se interessou pela obra e, agora, faz chegá-la às mãos dos leitores. Espero que seja também utilizada em grupos de educação popular,

trabalhos de base, sindicatos e movimentos sociais. E sirva para despertar a visão crítica da sociedade capitalista e o protagonismo político progressista, contribuindo assim para formar militantes viciados em utopia libertária.

*Frei Betto*



## 1

“O MARXISMO  
NÃO É MAIS ÚTIL?”

O papa Bento XVI tem razão: o marxismo não é mais útil. Sim, o marxismo conforme muitos na Igreja Católica o entendem: uma ideologia ateuista, que justificou os crimes de Stalin e as barbaridades da revolução cultural chinesa. Aceitar que o marxismo conforme a ótica de Ratzinger é o mesmo marxismo conforme a ótica de Marx seria como identificar catolicismo com Inquisição. Poder-se-ia dizer hoje: o catolicismo não é mais útil. Porque já não se justifica enviar mulheres tidas como bruxas à fogueira nem torturar suspeitos de heresia.

Ora, felizmente o catolicismo não pode ser identificado com a Inquisição, nem com a pedofilia de padres e bispos.

Do mesmo modo, o marxismo não se confunde com os marxistas que o utilizaram para disseminar o medo, o terror, e sufocar a liberdade religiosa. Há que se voltar a Marx para saber o que é marxismo; assim como há que se retornar aos Evangelhos e a Jesus para saber o que é cristianismo, e a Francisco de Assis para saber o que é catolicismo.

Ao longo da história...

- em nome das mais belas palavras foram cometidos os mais horrendos crimes;
- em nome da democracia, os EUA se apoderaram de Porto Rico e da base cubana de Guantánamo;
- em nome do progresso, países da Europa Ocidental colonizaram povos africanos e deixaram ali um rastro de miséria;
- em nome da liberdade, a rainha Vitória, do Reino Unido, promoveu na China a devastadora Guerra do Ópio;
- em nome da paz, a Casa Branca cometeu o mais ousado e genocida ato terrorista de toda a história: as bombas atômicas sobre as populações de Hiroshima e Nagasaki;

- em nome da liberdade, os EUA implantaram, em quase toda a América Latina, ditaduras sanguinárias ao longo de três décadas (1960-1980).

O marxismo é um método de análise da realidade. E, mais do que nunca, útil para se compreender a atual crise do capitalismo. O capitalismo, sim, já não é útil, pois

- promoveu a mais acentuada desigualdade social entre a população do mundo;
- apoderou-se de riquezas naturais de outros povos;
- desenvolveu sua face imperialista e monopolista;
- centrou o equilíbrio do mundo em arsenais nucleares; e
- disseminou a ideologia neoliberal, que reduz o ser humano a mero consumista submisso aos encantos da mercadoria.

Hoje, o capitalismo é hegemônico no mundo. E de pouco mais de 7 bilhões de pessoas que habitam o planeta, 4 bilhões vivem abaixo da linha da pobreza, e 1,2 bilhão padecem fome crônica. O capitalismo fracassou para dois terços da humanidade que não têm acesso a uma vida digna.

- Enquanto o cristianismo e o marxismo valorizam a solidariedade, o capitalismo propõe a competição;
- Enquanto o cristianismo e o marxismo valorizam a cooperação, o capitalismo propõe a concorrência;
- Enquanto o cristianismo e o marxismo valorizam o respeito à soberania dos povos, o capitalismo propõe a globocolonização.

A religião não é um método de análise da realidade. O marxismo não é uma religião. A luz que a fé projeta sobre a realidade é, queira ou não o Vaticano, sempre mediatizada por uma ideologia. A ideologia neoliberal, que identifica capitalismo e democracia, hoje impera na consciência de muitos cristãos e os impede de perceber que o capitalismo é intrinsecamente perverso. A Igreja Católica, muitas vezes, é conivente com o capitalismo porque este a cobre de privilégios e lhe franqueia uma liberdade que é negada, pela pobreza, a milhões de seres humanos.

Ora, já está provado que o capitalismo não assegura um futuro digno para a humanidade. Bento XVI o admitiu, e o Papa Francisco o reitera, ao afirmar que devemos buscar novos modelos. O marxismo, ao analisar as contradições e insuficiências

do capitalismo, nos abre uma porta de esperança a uma sociedade que os católicos, na celebração eucarística, caracterizam como o mundo em que todos haverão de “partilhar os bens da Terra e os frutos do trabalho humano”. A isso Marx chamou de socialismo.

O arcebispo católico de Munique, Reinhard Marx, lançou, em 2011, um livro intitulado *O Capital — um legado a favor da humanidade*. A capa contém as mesmas cores e fontes gráficas da primeira edição de *O Capital*, de Karl Marx, publicada em Hamburgo, em 1867. “Marx não está morto e é preciso levá-lo a sério”, disse o prelado por ocasião do lançamento da obra. “Há que se confrontar com a obra de Karl Marx, que nos ajuda a entender as teorias da acumulação capitalista e o mercantilismo. Isso não significa deixar-se atrair pelas aberrações e atrocidades cometidas em seu nome no século 20.”

O autor do novo *O Capital*, nomeado cardeal por Bento XVI em novembro de 2010, qualifica de “sociais-éticos” os princípios defendidos em seu livro, critica o capitalismo neoliberal, qualifica a especulação de “selvagem” e “pecado”, e advoga que a economia precisa ser redesenhada segundo normas éticas de uma nova ordem econômica e política. “As regras do jogo devem ter qualidade ética. Nesse sentido, a doutrina social da Igreja é crítica frente ao capitalismo”, afirma o arcebispo.

O livro se inicia com uma carta de Reinhard Marx a Karl Marx, a quem chama de “querido homônimo”, falecido em 1883. Roga-lhe reconhecer agora seu equívoco quanto à inexistência de Deus. O que sugere, nas entrelinhas, que o autor de *O Manifesto Comunista* se encontra entre os que, do outro lado da vida, desfrutam da visão beatífica de Deus.